

EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS RELATIVAS À COR PRETA: O PROCESSO DE RESSIGNIFICAÇÃO CRÍTICA DE METÁFORAS NEGRAS

IDIOMATIC EXPRESSIONS RELATED TO THE COLOR BLACK: THE PROCESS OF CRITICAL RESSIGNIFICATION OF BLACK METAPHORS

Nayure Mirelle Marques Ribeiro 1
Leosmar Aparecido da Silva 2

Resumo: Este artigo tem o objetivo de investigar o processo de ressignificação de expressões idiomáticas (EI) relativas à cor preta pela comunidade negra por meio de consulta em mídias variadas. Em um primeiro momento, foram realizados estudos teóricos acerca das metáforas conceituais. Em seguida, fez-se uma busca em três dicionários de língua portuguesa (Aurélio online; Houaiss, 2001 e o Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa, de Rocha e Rocha, 2011) dos significados de quatro EI relacionadas à cor preta: 1) a coisa tá preta; 2) preto de alma branca; 3) rainha da cocada preta; 4) serviço de preto. No terceiro momento, foi pesquisado em sites da internet ressignificados das quatro expressões, realizados de modo crítico, inovador, combativo, político e resistente. Os resultados mostraram que a comunidade negra está atenta aos significados pejorativos das expressões e, aos poucos, atribui novos sentidos a elas, contrapondo-se a perspectivas racistas. Trabalhos dessa natureza contribuem para a abordagem de aspectos sociais e culturais incluídos no sistema linguístico.

Palavras-chave: Metáfora. Expressões idiomáticas. Ressignificação.

Abstract: This article aims to investigate the process of resignification of idiomatic expressions (IE) related to the color black by the Black community through consultations with various media. Initially, theoretical studies on conceptual metaphors were conducted. Following that, a search was carried out in three Portuguese language dictionaries (Aurélio Online; Houaiss, 2001; and the "Dicionário de Locuções e Expressões da Língua Portuguesa" by Rocha and Rocha, 2011) for the meanings of four IEs related to the color black: 1) 'a coisa tá preta' (things are black); 2) 'preto de alma branca' (black with a white soul); 3) 'rainha da cocada preta' (queen of the black cocada); 4) 'serviço de preto' (black service). In the third stage, websites were researched for the critical, innovative, combative, political, and resistant resignifications of the four expressions. The results showed that the Black community is aware of the pejorative meanings of these expressions and is gradually assigning new meanings to them, opposing racist perspectives. Studies of this nature contribute to the discussion of social and cultural aspects embedded in the linguistic system.

Keywords: Metaphor. Idiomatic Expressions. Re-signification.

1 Mestranda em estudos linguísticos pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2150338429870118>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4366-7086>. E-mail: nayuremirelle@discente.ufg.br

2 Professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6619554385992282>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3954-3518>. E-mail: silva515@ufg.br

Introdução

Antes de tratarmos do objetivo deste trabalho, fazemos referência a uma canção de Chico Buarque, intitulada *Bom Conselho*. Nessa canção, o compositor e cantor se baseia em ditos populares para desconstruí-los. Segue um trecho da música:

Música 1. Bom conselho de Chico Buarque

Ouçã um bom conselho, que eu lhe dou de graça
 Inútil dormir que a dor não passa
 Espere sentado, ou você se cansa
 Está provado, quem espera nunca alcança
 Venha meu amigo, deixa esse regaço
 Brinque com meu fogo, venha se queimar
 Faça como eu digo, faça como eu faço
 Haja duas vezes antes de pensar
 Corro atrás do tempo, vim de não sei onde
 Devagar é que não se vai longe
 Eu semeio o vento na minha cidade
 Vou pra rua e bebo a tempestade
 Vou pra rua e bebo a tempestade
 Vou pra rua e bebo a tempestade

Chico Buarque. **Bom Conselho.**

Fonte: Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/85939/>. Acesso em: 16 dez. 2021.

O quadro 1, a seguir, faz um paralelo entre o dito popular tradicional e a desconstrução feita por Chico:

Quadro 1. Paralelo entre o provérbio tradicional e a desconstrução feita por Chico Buarque em *Bom Conselho*

Dito popular tradicional	Desconstrução feita por Chico Buarque
se conselho fosse bom, não se dava, se vendia	ouçã um bom conselho que lhe dou de graça
dorme que a dor passa	inútil dormir que a dor não passa
Quem espera sempre alcança	Espere sentado ou você se cansa
Não brinque com o fogo porque você pode se queimar	Brinque com meu fogo, venha se queimar
Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço	Faça como eu digo, faça como faço
Pense duas vezes antes de agir	Haja duas vezes antes de pensar
Devagar se vai longe	Devagar é que não se vai longe
Quem semeia vento colhe tempestade	Eu semeio o vento da minha cidade/ Vou pra rua e bebo a tempestade

Fonte: elaboração própria (2024).

A música de Chico Buarque é composta por meio de uma sequência de provérbios desconstruídos propositalmente. Essa desconstrução feita pelo compositor traz uma reflexão de que as pessoas, dotadas de certo grau de conformismo, como ocorre com a crença nos ditos populares, precisam sair desse lugar para ressignificar informações, pontos de vista, crenças, fórmulas prontas,

expressões.

Similarmente aos provérbios populares, algumas expressões idiomáticas expressam não o conformismo, mas uma visão separatista e valorativa de mundo em que há estigmatização de determinados grupos sociais. É o caso das expressões *a coisa tá preta*, *preto de alma branca*, *rainha da cocada preta* e *serviço de preto*. A comunidade negra, consciente de que a língua tanto pode expressar quanto perpetuar estigmas como esse, procura ressignificar tais expressões, dando-lhe significados desprovidos de preconceitos.

Tomando como base essas considerações, o objetivo desta pesquisa é analisar o processo de ressignificação feito pela comunidade negra para quatro expressões idiomáticas: a coisa tá preta; preto de alma branca; rainha da cocada preta; serviço de preto.

A pesquisa prevê analisar objetos empíricos disponíveis em textos objetivos e artísticos. Entendemos textos objetivos artigos de opinião, *posts* em redes sociais, propagandas, encontrados na internet. Entendemos textos artísticos, letras de música, quadrinhos, literatura (poesia e prosa).

Inicialmente, é importante tratar da percepção das cores pelo sentido da visão e seu processamento no cérebro humano. Isso porque trabalharemos com os significados atribuídos à cor *preta*, que também designa a cor de uma raça.

No sentido cognitivo, de acordo com Ribeiro e Cândido (2008), a cor está relacionada à sensação visual, posto que essa percepção passa a pertencer à nossa mente, ou seja, “nesse caso, a cor já não é uma propriedade da luz, mas sim do cérebro/mente, pois não é preciso que haja luz para se perceber as cores. Basta-nos fechar os olhos e imaginar uma cena 'colorida' qualquer para que 'vejamos' as cores.” Ribeiro e Cândido (2008, p. 153). Além disso, essa sensação de cor contém três elementos: *a luz, o objeto e o olho do observador*. Segundo os autores, o olho do observador funciona como um emissor, que através de um sensor, capta a luz e envia para o cérebro, que é o receptor da informação sobre a cor compreendida. Por meio desses elementos, é possível observar que o olho humano faz uma associação da cor captada com objeto, como por exemplo, ao notar uma banana sobre uma luz, o olho capta a cor refletida, em que a cor dominante é a amarela, e, nesse instante ele absorve a informação da cor e encaminha para o cérebro, que recebe essa informação e é compreendida como a sensação da cor amarela, ou seja, a cor é uma sensação psicológica. É o sentido de que a cor amarela é a cor da banana. Com isso, o ser humano é capaz de captar inúmeras cores e associá-las com as entidades do mundo físico. Posterior a esse processo, é criado um rótulo linguístico apresentado por meio de um lexema - uma palavra.

Como a cor preta constitui a cor da pele de uma raça específica, com o tempo, significados metafóricos foram sendo atribuídos à cor preta, geralmente, associando a essa cor aquilo que é negativo como em *dia de preto*, *mercado negro*, *humor negro*, *lista negra*, *ovelha negra* e outras.

Andrade (2021) afirma que essa visão negativa está associada à visão branco-europeia de que a cor branca representa a paz e o preto representa o mal. Essa relação de inferioridade não está associada à civilização, à cultura ou ao intelecto desses povos, mas à crença da superstição de cor. No contexto histórico-social, a cor preta, para os europeus, remete à tristeza e ao luto. Para outros povos, “negro” ou “preto” significa algo ruim ou maléfico e até mesmo entre alguns povos africanos é observada essa contradição de cores. Para o povo banto, existe a tradição de que, por meio de uma lenda sobre o deus Muluku, conhecida entre eles e semelhante ao conto bíblico de Noé, a cor **preta** é vista como uma punição e que causa inferioridade sobre os demais povos. A lenda diz que, certa vez, o deus Muluku havia bebido demais, tirou suas roupas e ficou nu em uma estrada. Passaram alguns africanos e ridicularizaram o deus. Depois de um tempo, vieram os europeus e cuidaram de Muluku. A história diz que, em razão do povo africano ter caçoado do deus Muluku, ele os castigou tirando dos africanos a inteligência e concedendo a cor preta. Por meio dessa lenda, nota-se que há uma distorção produzida pelos povos europeus, posto que, no contexto histórico, colonizaram os banto africanos e até mesmo proibiram suas crenças e culturas empregando outro tipo de ideologia, inclusive a incerteza sobre a sua cor, sua cultura e o seu povo, tal como afirma Andrade (2021).

Existem inúmeras superstições, crenças e falatórios que relacionam a cor preta ao malfeito, à bruxaria, ou à macumba. Quem ou que tenha essa cor está relacionado a coisas ruins. Toda essa análise pode ser somente o ponto de vista do homem branco para se mostrar superior diante dos povos negros ou uma demologia (lenda), mas o autor expõe que uma simples superstição dirigida à

cor preta foi e é prejudicial para a raça até nos dias atuais, tendo em vista que instaura o desrespeito, a desvalorização e a comunidade precisa de travar lutas contra o racismo e o preconceito.

Importante para os propósitos desta pesquisa é discutirmos também a noção de metáfora sob a perspectiva da linguística cognitiva, tendo em vista que as expressões idiomáticas são essencialmente metafóricas.

Para o paradigma da linguística cognitiva - surgida em 1970 - a metáfora e a metonímia são mecanismos produzidos na mente, são modos de se pensar o mundo, e não apenas recursos poéticos e retóricos. Para a linguística cognitiva, a metáfora é a associação de dois domínios, o concreto e o abstrato, sendo o concreto aquele que advém da experiência com o mundo e o abstrato a expressão que não está em seu sentido básico, está em seu sentido conotativo, não real. Um exemplo é na metáfora *minha mãe é uma rocha*. Nesse enunciado, a palavra *rocha* não significa *pedra*. Ela tem um significado abstrato de que a mãe é resistente, forte.

Lakoff e Johnson (2002) afirmam que o tempo todo utilizamos de metáforas, sem ao menos percebermos. As pessoas fazem associações entre as semelhanças de algo concreto e algo mais abstrato. Os autores afirmam que a metáfora está presente na vida cotidiana, na linguagem, no pensamento e na ação. Na maior parte das vezes, essas associações podem ocorrer principalmente em nossas experiências emocionais, as quais são difíceis de expressar. Definir a palavra AMOR, por exemplo, é muito difícil. Daí, então, as pessoas recorrem a elementos do mundo físico para fazerem associações e tornar o conceito compreensível. Alguns dizem que amor é fogo, como Camões. Outros representam o amor por meio de uma parte do corpo humano: o coração. Lakoff e Johnson (2002) explicam que essas metáforas ligadas aos sentimentos permitem descrever de forma mais exata nossas emoções e relacioná-las com outros conceitos que podem estar correlacionados com a nossa cognição e nossas experiências cotidianas.

As expressões idiomáticas, por apresentarem significados não literais, são, em geral, metafóricas, como já dissemos. Além disso, conforme Oliveira Júnior (2021), as expressões idiomáticas, tal qual as metáforas, auxiliam na compreensão de conceitos abstratos que não possuem definição exata. Com isso, o usuário da língua recorre à experiência, às situações cotidianas para idealizar determinados usos e, assim, uma EI surge, de forma natural e expressa essas ideias, emoções e sentimentos.

Para Perini (2010), as expressões idiomáticas são uma sequência de palavras que têm um único significado, ou seja, a expressão *cão chupando manga* tem um conjunto de três palavras, mas o significado é único: uma cena feia.

Como esta pesquisa visa também estudar o processo de desconstrução de sentido de expressões idiomáticas, é importante tratarmos um pouco da recriação no discurso fraseológico. Burger (1998 *apud* Plantin, 2014) conceitua fraseologia como estudo de várias associações de palavras que engloba desde colocações até provérbios. As expressões idiomáticas integram, portanto, os estudos fraseológicos.

Atayde (2010) considera que a fraseologia é composta pelo estudo de estruturas fixas ou semifixas e essa fixidez ou semifixidez é decorrente do uso sistemático no decorrer do tempo por uma comunidade linguística. A autora explica que o seu interesse é nos estudos da modificação fraseológica, também chamada a literatura de *modificação criativa* ou *modifikation* (cf. Burger, 2003 *apud* Atayde, 2010) e também *okkasionelle Variation* (cf. Fleischer, 1997 *apud* Atayde, 2010), um dos principais temas da pesquisa fraseológica atual. Para Atayde, a modificação criativa é altamente dependente de um texto, os efeitos semânticos da modificação depende desse contexto e da recepção cooperativa, isso significa que as expressões idiomáticas com a cor preta ressignificadas tem efeitos semânticos aplicadas num contexto sócio-histórico.

Atayde (2010, p. 132) considera que a recriação de provérbios e de outras unidades fraseológicas tem o objetivo de adequar “o material fraseológico a novos quadros sócio-culturais, políticos e/ou à obtenção de efeito irônico/lúdico”. No caso das EI com cor preta, acrescentaríamos que seria a adequação a esses quadros sócio-culturais para a obtenção de significados completamente diferentes dos significados originais. Em alguns casos, porém, pode-se ter um efeito irônico como numa fala de Martinho da Vila, por exemplo, que veremos na análise dos dados. A autora dá como exemplo a expressão tautológica alemã *Krieg is Krieg* que, traduzida para o português, corresponde à *Guerra é guerra*. Tal expressão é modificada criativamente em diversas mídias alemães por *Krieg*

ist Krieg ist Tod ist Zerstörung cuja tradução seria: *Guerra é guerra é morte é destruição*, em que o enunciado criativo contrapõe-se à expressão tautológica que se mostra a favor da guerra.

Feitas essas considerações, seguimos para a metodologia.

Metodologia

Seguindo a categorização de Gil (2002) para pesquisas científicas, quanto à natureza, esta pesquisa é aplicada, uma vez que tem o propósito de gerar novos produtos de reflexão para a sociedade. Quanto aos objetivos, é uma pesquisa descritiva e explicativa, uma vez que houve o mapeamento das propriedades linguísticas e funcionais das expressões idiomáticas relacionadas à cor preta a partir da resignificação dada pela comunidade negra em relação a essas expressões. Quanto aos procedimentos técnicos, esta pesquisa caracteriza-se por ser documental e de levantamento, visto que foram feitos levantamentos e análises de documentos que ainda não receberam tratamento analítico. Quanto à abordagem, a pesquisa é qualitativa uma vez que foi produzida uma interpretação dos diferentes textos analisados à luz de estudos teórico-científicos.

Em relação aos passos da pesquisa, ela foi dividida em quatro momentos.

No primeiro momento, foi realizado o estudo teórico sobre as metáforas conceptuais e sobre as expressões idiomáticas, abordadas por Lakoff e Johnson (2002) e Perini (2010).

Em seguida, na segunda etapa da pesquisa, foi feita uma busca sistemática em três dicionários de língua portuguesa: Aurélio online; Houaiss (2001) e o Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa, de Rocha e Rocha (2011), sobre o registro de significados de quatro EI que envolvem a cor preta: 1) “a coisa tá preta”; 2) “preto de alma branca”; 3) “rainha da cocada preta”; 4) “serviço de preto”.

Na terceira etapa da pesquisa, foi feita a formação de um banco de dados de textos publicados e disponibilizados na internet em que se encontram as quatro EI (*a coisa tá preta, preto de alma branca, rainha da cocada preta, serviço de preto*). Foram selecionados textos em que essas EI são resignificadas de modo crítico, inovador, combativo, político e resistente, a tal ponto que a EI ganha novo significado. Em seguida, realizou-se a análise dos textos em que elas ocorrem.

Foram pesquisados, tal como dito anteriormente, textos com linguagem mais objetiva e também textos artísticos. Dentre os textos objetivos, verificaram-se artigos de opinião, *posts* em redes sociais e propagandas. Dentre os textos artísticos, foram consideradas letras de música, cartilhas e literatura (poesia e prosa).

Os textos foram submetidos a uma análise à luz dos estudos da Linguística Cognitiva e dos estudos sobre racismo estrutural. Para a produção do relatório final, foi realizada uma amostragem dos textos coletados e analisados, já que não foi possível inserir no relatório todos os textos do banco de dados.

Resultados e discussão

As expressões idiomáticas em dicionários

Quatro expressões idiomáticas: *a coisa tá preta, preto de alma branca, rainha da cocada preta* e *serviço de preto* foram consultadas em três dicionários: Aurélio online; Houaiss (2001) impresso e Rocha e Rocha (2011), em seu *Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa*.

O significado completo das expressões foi encontrado somente no Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa (2011). Nos outros dicionários, foi encontrado apenas o significado individual de cada palavra das expressões idiomáticas, já que nos dicionários comuns de língua portuguesa ele é expresso de modo composicional. Nesse sentido, não apresentamos neste trabalho as definições dos dicionários Aurélio e Houaiss, porque não são dicionários de expressões, mas de significados individuais. A figura 1 a seguir, retirada do Aurélio *online* comprova isso.

Figura 1. Print da página online do dicionário Aurélio com o verbete *serviço de preto*

Busca por serviço de preto

Foram encontradas 10 palavras na busca por **serviço de preto**.

preto

adj. De cor semelhante a do carvão ou do piche; diz-se dessa cor. Cujas cor é negra, escura, como a do carvão: cavalo...

serviço

s.m. Ação ou efeito de servir, de ser útil ou de oferecer auxílio e ajuda, geralmente prestando algum tipo de trabalho. O...

meiru-de-preto

m. Planta anonácea do Brasil.

de

prep. Preposição que estabelece uma relação de subordinação, de dependência, entre palavras com as quais se relaciona:...

Fonte: Disponível em: <https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=servi%C3%A7o+de+preto>. Acesso em: 19 ago. 2022.

Uma discussão sobre o dicionário Aurélio, porém, vale a pena ser feita sob a perspectiva de Rachel de Oliveira (2005), que destaca em sua obra que há uma distinção de significados entre as cores *preto* e *branco*. No dicionário, ao buscarmos a palavra *branco* encontramos os seguintes significados: *da cor da neve, cuja cor é clara, transparente, de cor esbranquiçada, considerado puro e inocente*. Já para a cor *preto*, o dicionário faz as seguintes definições: *de cor semelhante à do carvão ou do piche, cor negra, escura, relacionado a algo difícil, complicado, algo ou alguém cuja cor é preta/negra*. Oliveira (2005) diz que ambos os significados, além de serem usados no cotidiano e no sentido literal, passam a trazer um significado para cada cor em certas situações, como por exemplo: *branco=pureza, bondade; preto= ruim, difícil*. Esses significados podem fazer associações das cores à pessoa e trazer a ideia de que o bom está associado à cor branca e o ruim está associado à cor preta. Todavia, o objetivo desta pesquisa é buscar e analisar o ressignificado das expressões que carregam a palavra *preto*, cuja as expressões possuem sentidos negativos, trazendo um sentido positivo por meio da própria comunidade negra.

No dicionário de Rocha e Rocha (2011), afirma-se que a palavra *preto(a)* engloba uma série de expressões idiomáticas relativas à cor citada, dentre elas: *a coisa está preta; As coisas estão pretas; bola preta; café preto; custar uma nota (preta); preto como breu; nota preta* etc. Diante de tais expressões, é notável que quando associadas à palavra *preto(a)*, o significado geralmente está ligado a coisas ruins, escuras ou caras. Vejamos, a seguir, o que o dicionário apresenta quanto aos significados das expressões pesquisadas:

Quadro 2. Significados das EI no dicionário de Rocha e Rocha (2011)

a coisa tá preta	Diz-se quando a situação está difícil, perigosa, custosa. Var. “a coisa está pegando fogo” e “a coisa está feia” (p. 2)
preto de alma branca	pessoa negra boa, generosa, nobre. (Esta locução denota preconceito, e deve ser evitada) (p. 365)

rainha da cocada preta	V. <i>Rei da cocada preta</i> . ¹
serviço de preto	Não há um significado no dicionário

Fonte: Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa, de Rocha e Rocha (2011).

Em relação à expressão *a coisa tá preta*, percebe-se pela definição do dicionário que há correspondência da expressão aos adjetivos *difícil, perigosa, custosa, feia*. Todos esses adjetivos têm conotação negativa. Talvez o significado e essa relação estejam ligados ao passado histórico colonial brasileiro, quando os negros começaram a ser escravizados. Contudo, o nosso objetivo de estudo não é analisar essas expressões considerando-se o seu valor axiológico negativo, mas entender como a comunidade negra ressignifica tais expressões.

Já em relação a expressão *preto de alma branca*, o dicionário faz uma advertência sobre o significado preconceituoso que ela evoca e orienta que ela deve ser evitada no uso comum da língua, advertência de Rocha e Rocha (2011) é fundamental para aqueles que consultam o dicionário, porque contribui para a tomada de consciência dos usuários do dicionário de que certas expressões codificam injúria racial.

No que se refere à expressão *rainha da cocada preta*, os autores orientam o leitor a buscar o significado de rei da cocada preta. O significado, como se observa na nota de rodapé, está ligado àquele que é o bom; o melhor; o mais bonito; o maioral. Além de trazerem o significado, os dicionaristas apresentam também um parágrafo contando a sócio-história da expressão e mostrando uma possível origem em nota de rodapé. O interessante da sócio-história é a ironia presente na expressão uma vez que sugere que as qualidades da pessoa estão longe do que essa pessoa diz que tem. Nesse sentido, apesar de parecer que o significado é valorado positivamente, a ironia torna a expressão valorada negativamente.

A expressão *serviço de preto*, como se pode observar no quadro 1, não é registrada no dicionário de Rocha e Rocha (2011). Adiante será feita uma análise aprofundada sobre o significado dessa expressão, para além do dicionário aqui estudado.

As expressões idiomáticas ressignificadas em diferentes gêneros

Ressignificação da expressão idiomática *a coisa tá preta*

O outro momento da pesquisa diz respeito à formação de um conjunto de dados, composto por variados gêneros textuais retirados da internet em que a comunidade negra ressignifica os significados tradicionais das expressões. Os principais sites que compõem o banco de dados são os seguintes: *You Tube*; *vinteculturaesociedade*; sítio da Defensoria Pública do Estado da Bahia; *Vagalume* (letras de música).

Os principais veículos midiáticos que veiculam as expressões idiomáticas ressignificando-as reportam a letras de música e a poemas. Isso mostra que a arte, além de tantas outras funções, desconstrói significados para reconstruí-los, atualizando-os de acordo com as perspectivas e as necessidades de grupos sociais.

Dentre os dados desta pesquisa, duas músicas se destacam. A primeira delas, intitulada *A coisa tá preta*, é de 2016 e foi composta pelo cantor e compositor Rincon Sapiência e foi publicada no ano de 2016. A segunda é também intitulada *A coisa tá preta*. Foi composta por Jefferson Junior e Umberto Tavares e interpretada pelas cantoras Elza Soares e Mc Rebecca. A sua divulgação ocorreu no ano de 2020.

A seguir, apresentamos um trecho da primeira da canção:

¹ A consulta em rei da cocada preta revelou o seguinte significado: o bom; o melhor; o mais bonito; o maioral. Às vezes, simplesmente: "rei da cocada". Var. rainha da cocada preta". A origem do termo pode estar na dificuldade de elaboração da cocada preta ("queimada"), uma vez que para obter o ponto certo de cozimento, é necessário um bom domínio da atividade. O rei da cocada preta seria, portanto, aquele que tem uma habilidade ou condição inigualadas. No uso popular, a referência a um rei (ou rainha) da cocada preta é feita com certa ironia, sugerindo que os atributos de referida pessoa estejam na verdade aquém daqueles que ela alardeia, p. ex.: Depois que venceu o concurso, ele se acha o rei da cocada preta (p. 382).

Dado 1. trecho retirado da música *A coisa tá preta*, do cantor Rincon Sapiência

Essa batida faz um bem, diz da onde vem
Corpo não para de mexer dá até calor
É vitamina pra alma, melanina tem
E todos querem degustar desse bom sabor

Vamo, vamo, vamo
Sem corpo mole, mole, mole
Tamo no corre, corre, corre
A coisa tá preta, preta

Se eu te falar que a coisa tá preta
A coisa tá boa, pode acreditar
Seu preconceito vai arrumar treta
Sai dessa garoa que é pra não moiá

Fonte: Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/rincon-sapiencia/a-coisa-ta-preta/>>. Acesso em: 16 jan. 2022.

Apesar de não haver espaço para a reprodução completa da música, é importante relatar, que em porções anteriores do texto, o autor marca a identidade negra defendendo-se de algumas crenças e atitudes contra os negros em versos como: *lava a boca pra falar da minha cor/ [...] só porque fugimos da senzala/ querem dizer que nós é mó mala*.

No trecho apresentado em (1), o compositor, com a linguagem característica do português brasileiro não padrão, ressignifica o significado da *El a coisa tá preta* ao dizer: *se eu te falar que a coisa tá preta/ A coisa tá boa, pode acreditar*. Como se vê, na canção, a expressão *a coisa tá preta* equivale a *a coisa tá boa*. A expressão *a coisa tá preta* ganha, portanto, um novo significado: o de que a comunidade negra é unida, é alegre e possui gingado.

A explicação do autor-compositor é seguida da instrução *pode acreditar*. Possivelmente, o autor fez uso dessa instrução porque o interlocutor está imerso no significado antigo de que *a coisa tá preta* quando a situação está ruim.

Na continuidade do texto, o autor aconselha o seu interlocutor, que parece representar a sociedade racista, a não permanecer na perigosa “garoa” do preconceito, sobre o risco de se molhar e de arrumar treta. Vejamos: *Seu preconceito vai arrumar treta/ Sai dessa garoa que é pra não moiá*. Ainda nesses versos, houve um uso produtivo da metáfora conceptual (Lakoff; Johnson, 2002) em que um termo é usado no lugar do outro abstratamente. *Garoa* e *molhar* representam respectivamente metáforas da atitude preconceituosa e das consequências que o preconceito pode gerar.

Na canção, o enunciador mostra que quaisquer preconceitos diante da comunidade negra foram deixados no passado e que no presente a questão é se divertir (o contexto da canção é de festa) e não deixar que desrespeitem ou desvalorizem a comunidade retratada.

Dado 2. Música *A coisa tá preta*, interpretada pelas cantoras Elza Soares e Mc Rebecca

Quem não sabe de onde veio, não sabe pra onde vai
Sou preta, favelada, abusada e sou linda demais
Vem comigo, Rebecca! Yeah, yeah!

Desde pequena eu aprendi: O que cai do céu é chuva
Se quiser ganhar, meu bem, tem que ter luta
Natural do Rio de Janeiro
Onde preto favelado é destaque só no mês de fevereiro
Ou na página policial

Prende neguinho, a gente arruma um culpado e sai na capa do jornal
Tá achando que esse papo é só resenha
Pergunta a Vinicius Romão ou Rennan da Penha
Eu tive que rebolar pra não cair no esquema
E, rebolando, eu aprendi a bagunçar o sistema

A pretinha sem vergonha, funkeira, maluca
É vizinha do playboy lá na Barra da Tijuca
Ganho o que eu ganho porque eu sou de verdade
Balanço a raba e você pensa sacanagem
Não preciso de homem pra porra nenhuma
Ninguém manda na minha vida, ninguém manda na minha bunda

Negros, negras
Negras, negros
Reis, rainhas
Rainhas, reis

Poderosa, poderoso
Poderoso, poderosa
King, Wakanda
Beleza, riqueza

África Mãe
Oxum, proteja
A minha alma preta

Por que que a fome é negra
Se negra é a beleza?
Se todo mundo canta e tá feliz
É que a coisa tá preta

Por que que a fome é negra
Se negra é a beleza?
Se todo mundo canta e tá feliz
É que a coisa tá preta

A coisa tá preta!

Por que que a fome é negra
Se negra é a beleza?
Se todo mundo canta e tá feliz
É que a coisa tá preta

Por que que a fome é negra
Se negra é a beleza?
Se todo mundo canta e tá feliz
É que a coisa tá preta

A coisa tá preta!

Fonte: Disponível em: <https://www.letras.mus.br/elza-soares/a-coisa-ta-preta-part-mc-rebecca/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

Semelhante à primeira canção, a música *A coisa tá preta*, interpretada pela cantora Elza Soares com participação da Mc Rebecca, desconstrói a imagem de que preta está associada a algo

ruim. Inicialmente, a enunciadora deixa marcada a sua identidade dizendo que é preta, favelada, abusada e linda demais. Dialoga discursivamente (Bakhtin, 1981) com outras vozes sociais que dizem que a mulher preta é mais fácil de ser conquistada ao dizer que *se quiser me ganhar, meu bem, tem que ter luta*. Na sequência do texto, apresenta a problemática do Rio de Janeiro onde há separação sócio-espacial dos mais ricos da zona sul e dos mais pobres da zona norte, normalmente, negros. A enunciadora prova com sua própria representação social que os negros também podem, paritariamente “ao playboy”, morar na zona sul. Dando continuidade, a música apresenta versos intercalando as palavras *negros/negras, reis/rainhas, poderoso/poderosa* e falando da mãe África.

O ponto central da canção são os versos que ressignificam a expressão idiomática *a coisa tá preta*. Nesses versos, as cantoras dizem: *Por que que a fome é negra/ Se negra é a beleza?/ Se todo mundo canta e tá feliz/ É que a coisa tá preta*.

Inicialmente nesses versos, as enunciadoras questionam a contradição entre as vozes discursivas que dizem que a fome é negra (e, portanto, ruim e feia) e o fato de que *negra é a beleza*. Em seguida, há a ressignificação efetiva da *El a coisa tá preta*, que nesse novo contexto, assume o significado de *festejo, alegria e felicidade*. Ao fazerem isso, as enunciadoras *bagunçam o sistema* e bagunçar o sistema significa contrapor discursos, redefinir valores, reconstruir significados, a começar pelas expressões idiomáticas.

Durante a pesquisa, foi encontrada no *YouTube*, na descrição do vídeo da canção das intérpretes Elza Soares e Mc Rebecca, uma análise feita por Jonathan Raymundo, que diz: Em “A Coisa Tá Preta” o presente, suas possibilidades e futuros potências (sic) residem na percepção da ancestralidade como fonte daquilo que somos. Se pudéssemos inscrever o clipe em um só conceito seria Sankofa. Parte de um conjunto de ideogramas do povo Akan que se localiza nos territórios de Gana e Costa do Marfim (África Ocidental), Sankofa pode ser traduzido como o ato de “retornar ao passado para ressignificar o presente e construir o futuro”. “A Coisa tá Preta” é o exercício de Sankofa. Elza Soares representando a deusa Maa’t de Kemet (Antigo Egito) simboliza a justiça ancestral, o equilíbrio cósmico e nossos ancestrais que vigiam e zelam por nosso futuro. [...] Ao retornarmos a nossa história (sic), cultura, símbolos redescobriremos uma verdade sobre nós, a saber: “negra é a beleza. Se todo mundo canta e está feliz é porque a coisa está preta”. Tudo no clipe está por um motivo, tudo nos convida a rever nossa História e construir um futuro ancestral que se assenta em nossa beleza e realização².

É notável que, na música e no videoclipe, o propósito é mostrar ao público que o passado de luta e resistência ficou para trás e que a luta do presente é o reconhecimento da comunidade negra, da cultura e dos seus valores. Não somente a canção de Elza Soares e Mc Rebecca como também a do compositor Rincon Sapiência ressignificam a expressão para a qual foi atribuída valorização positiva que, ao invés de estigmatizar a cor-raça, a valoriza. Imitando a composição de um verbete de dicionário, poderíamos, a partir da significação dada à expressão nas canções, propor as seguintes acepções para a expressão idiomática *a coisa tá preta*:

A coisa tá preta fraseologismo expressão idiomática produtiva na linguagem popular que pode significar **1.** junção, união, alegria, festa da comunidade negra; **2.** felicidade, estado de graça; **3.** beleza; **4.** a coisa está boa, está legal.

Ressignificação da expressão idiomática *preto de alma branca*

Em relação à segunda expressão idiomática, *preto de alma branca*, de acordo com Silva (2021), essa expressão é usada numa tentativa de elogiar uma pessoa negra, com o significado de que, embora a pessoa seja preta, ela é uma pessoa boa, de tal modo que sua dignidade e atitude tomam como referência o ponto de vista de pessoas brancas. Há um ‘elogio’ das características psicológicas da pessoa negra ao mesmo tempo em que se expressa preconceito em relação à cor da pele.

Segundo Fonseca (2003), a expressão idiomática *preto de alma branca* constitui, na atualidade, uma expressão do preconceito racial devido aos questionamentos dos grupos anti-

² Retirado da descrição do vídeo intitulado: Rebecca, Elza Soares - A Coisa Tá Preta (Clipe Oficial). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aiKdLiic0wU>. Acesso em: 26 set. 2024.

racistas. Tal expressão não é aceita com a mesma naturalidade de antes, porque ela está ligada a um racismo disfarçado de elogio. Isso porque a expressão idiomática deixa implícita a ideia de que o negro só será reconhecido ou digno se possuir as características ou valores de um branco, além do mais, o negro só seria admitido na sociedade se agisse como uma pessoa branca.

A *El preto de alma branca* é vista como isenta e tolerável para negros que negam suas origens e cultura, como é o caso do ex-presidente da *Fundação Palmares*, Sérgio Camargo, autodeclarado *negro de direita, antivitimista, inimigo do politicamente correto*, de acordo com o *Jornal do Campus da USP*, não apoia a causa da comunidade negra, uma vez que defende que não existe racismo estrutural e revela desdém com alguns símbolos da cultura negra. Sérgio Camargo foi bastante criticado nas redes sociais e na comunidade negra.

Em uma entrevista para o programa *Roda Viva*, da Tv Cultura, o cantor e compositor Martinho da Vila, ao ser perguntado sobre qual era o seu posicionamento sobre os retrocessos na Fundação Palmares e como avançar, fez a seguinte declaração:

Dado 3. Trecho da entrevista de Martinho da Vila ao Roda Viva

Botaram aquele cara lá... o Camargo, bolsonarista radical, **ele é preto de alma branca**, como se diz (risos). O duro é que ele gostaria de ser branco. Ele acha que ele é branco. Ele se sente branco. E tem que acabar com essas coisas todas de preto. Então, ele, no duro, ele está lá cumprindo o seu papel que é acabar com a Fundação Palmares. Para mim, a Fundação Palmares não existe mais.

Fonte: (Minuto 1' ao 1'33", Canal Roda Viva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uOFZNA0Bzmo>. Acesso em: 19 ago. 2022. (Grifo nosso).

Como se vê no dado (3), ao dizer que Sérgio Camargo é *preto de alma branca*, Martinho da Vila faz um uso irônico da expressão idiomática, criada e usada por pessoas de pele branca. No campo da argumentação, essa estratégia é chamada *retorsão*, ou seja, há o uso do argumento do opositor contra ele mesmo. Historicamente, a sociedade vem usando a expressão *preto de alma branca*, tendo como ponto de referência a conceptualização do branco. Martinho da Vila ressignifica tal expressão, pelo menos no campo da ironia, como forma de aplicar o real contexto em que ela poderia ser utilizada: o de um negro com ideais brancos.

Para além do uso irônico feito por Martinho da Vila, a comunidade negra repudia o uso desta EI. Em contrapartida, reforça o caráter positivo e tem orgulho da expressão *alma negra*.

Outro dado importante desta pesquisa é um dos poemas de Adão Ventura, inscrito no livro *A cor da pele*. A seguir, transcrevemos o poema:

Dado 4. Poema *Preto de alma branca: ligeiras conceituações* do poeta Adão Ventura

Preto de alma branca: ligeiras conceituações

o preto de alma branca
e o seu saco de capacho.
o preto de alma branca
e os seus culhões de cachorro.
o preto de alma branca
e a sua cor de camaleão.
o preto de alma branca
e o seu sujar na entrada.
o preto de alma branca
e o seu sangue de barata
cada vez mais distante

do corpo da Grande Mãe-África.

Fonte: VENTURA, Adão. *A cor da pele*. 1988. Disponível em: <https://vinteculturaesociedade.wordpress.com/2013/05/08/preto-de-alma-branca-ligeiras-conceituacoes/>. Acesso em: 19 ago. 2022.

No texto, o poeta negro Adão Ventura (1988), natural de Minas Gerais, mostra de modo irônico e crítico, breves conceituações da El *preto de alma branca*. O autor repete a expressão cinco vezes, o que reforça a ironia que ele faz em relação ao significado preconceituoso. Além disso, Ventura (1988) mostra em seus versos os discursos recorrentes daqueles que vem no negro uma raça inferior e incapaz. Ao fazer menção ao *saco de capacho*, aos *culhões de cachorro*, à *cor de camaleão*, a ideia de que o negro suja na entrada ou na saída e ao sangue de barata, o autor materializa a sua ironia em relação às vozes discursivas que ele pretende combater por meio da arte da palavra.

Nos versos *cada vez mais distante / do corpo da Grande Mãe África*, há uma crítica de que a pessoa negra está criando uma distância não somente física entre a sua comunidade e cultura (mãe África) e o que ele representa dentro da sociedade no geral, mas também em relação aos discursos que matam a sua autoestima, conceituando a sua alma, a sua essência.

Segundo Barbosa (2021), neste poema e em inúmeros outros do mesmo livro *A cor da pele*, Adão Ventura (1988) não quer somente demonstrar o que o contexto histórico e cultural do passado já diz sobre o que ocorreu com a sociedade negra, mas trazer de maneira irônica e crítica um discurso contra aqueles que dominaram esse povo. Também, fazer com que o leitor possa visualizar esse passado escravocrata e dominante para os negros e compreender que no presente ainda existem tais preconceitos, mas que a sociedade pode mudar essa realidade, percebendo em expressões idiomáticas, como essas, que o seu uso automatizado pode perpetuar a estigmatização de raça.

Ressignificação da expressão idiomática *rainha da cocada preta*

A terceira expressão idiomática que constitui objeto desta investigação é *rainha da cocada preta*. Essa expressão, conforme já vista em Rocha e Rocha (2011), pode estar associada ao problema de elaborar uma cocada preta, uma vez que, para ter o resultado esperado é necessário um certo grau de cozimento para que ela fique “queimada”. Para os dicionaristas, o uso da expressão é feito de modo irônico, visto que o domínio da prática do cozimento da cocada é considerado difícil e que poucas pessoas possuem esse conhecimento. Logo, o significado pode estar relacionado a esse entendimento do cozimento do doce como um domínio que poucas pessoas possuem e que, desse entendimento, a pessoa dominante ostenta, ou seja, se acha o *rei/rainha da cocada preta*. Essa expressão pode ser vista como um meio de deboche e por estar se referindo à *cocada preta* em si, é algo que remete ao que é simples, popular e corriqueiro e com isso o termo pode estar também associado a *rainha do nada* ou *rainha daquilo que não representa poder*.

No decorrer da pesquisa, não foi encontrada nenhuma ocorrência da expressão *rainha da cocada preta* resignificada com valoração positiva como fora encontrada nos outros dados. Apenas uma fonte que pode ou não constituir um uso no qual não está claro se há valoração positiva ou negativa.

A música *Leonina* do cantor e compositor negro, paulista, Tiago Bigode, compõe a faixa 4 do disco *Popular*, de um conjunto de músicas representando figuras femininas de cada signo do zodíaco. A composição aborda, em um de seus trechos, a expressão idiomática pesquisada *rainha da cocada preta*:

Dado 5. Trecho retirada da música *Leonina* do cantor Tiago Bigode

Certa com gosto, coragem tem um poço
 Mas veja bem, moço, eu te avisei
 Menina leonina é sua vez
 Com ela não se brinca mais de uma vez
 Um certo bom gosto, sincera de tudo
 E dizem que é **a rainha da cocada preta**
 Vive de vontades repentinas
 E fica a vontade essa menina
 Chegou pra reinar, porque
 Ela é Leão sempre tem razão

Fonte: Disponível em: <https://www.letras.mus.br/tiago-bigode/leonina/>. Acesso em: 13 jan. 2022. Grifo nosso.

Na canção, é possível observar que na descrição da letra, a mulher possui uma personalidade única e verdadeira, a qual a maioria da sociedade julga e, por isso, a chama como a *rainha da cocada preta*, pois, como o próprio significado da expressão indica, a mulher representada na música, por ser confiante, sincera e livre está ligada a parte do significado da expressão idiomática. O autor coloca a responsabilidade de se enunciar que ‘ela’ é *rainha da cocada preta* na boca de alguns que ‘dizem’. Ele mesmo não assume essa responsabilidade. Uma possível interpretação é a de que aqueles que a chamam de *rainha da cocada preta* nutrem um certo desdém por ela se mostrar ativa, quando essas pessoas a veem como inferior.

Ressignificação da expressão idiomática *serviço de preto*

Durante a pesquisa, foi encontrada uma cartilha de expressões racistas cotidianas, produzida pela Defensoria Pública do Estado da Bahia (2021). Esse projeto da Bahia foi criado com o intuito de conscientizar a população de expressões que são racistas e trocar tais termos por expressões não racistas e que não desrespeitem a comunidade negra. A figura 2, a seguir, mostra em vermelho a expressão que deve ser evitada e em verde a expressão que deve ser usada.

Dado 6. Cartilha de Dicionário de expressões (anti) racistas da defensoria pública da Bahia (2021)



Fonte: Disponível em: http://www.defensoria.ba.def.br/wp-content/uploads/2021/11/sanitize_191121-071539.pdf. Acesso em: 13 jan. 2022.

De acordo com a cartilha, a expressão idiomática *serviço de preto* tem como significado *atividade mal feita e desqualifica o trabalho de pessoas negras*. Para a desconstrução dessa expressão é apresentado (em verde) a escolha de um outro termo *serviço mal feito* (como visto na imagem acima). Interessante observar na cartilha que a proposta de mudança não é no SIGNIFICADO da expressão, mas na sua FORMA, ou seja, mudou-se a expressão em si. Assim como,

a desconstrução de tal expressão foi feita, é possível desconstruir as expressões aqui pesquisadas e outras também cuja as quais são usadas de maneira racista.

Ainda sobre o significado, Silva (2021) explica que expressões como *serviço de preto*, *trabalho de preto* ou *coisa de preto* são usadas para nomear um serviço ou trabalho de má qualidade, ruim ou imperfeito. Além disso, o autor explica que a origem da expressão está associada ao serviço de pessoas negras, que na época da escravidão, eram vistas por seus donos como pessoas incapacitadas ou preguiçosas.

Para o processo de ressignificação da expressão idiomática *serviço de preto*, além da cartilha apresentada, foi encontrada a obra do compositor Daniel Garnet e Peqnoh, intitulada *Serviço de preto*. Vejamos:

Dado 7. Trecho retirado da música *serviço de preto* do compositor Daniel Garnet e Peqnoh

[...]

Desiste, no porão negreiro o sol não brilha
Evite olhar pra trás no mar não ficam trilhas
É triste ser separado da sua família
Progride a viagem em direção a ilha
Decide calar-se ou apanhar por milhas
Não grite, aqui ninguém fala a sua língua
Seu tempo já não é dos astros e do universo
E sim a pressa do opressor que preza o progresso
Despreza o seu credo menospreza o seu costume
O clero impõe a crença e quer que você se acostume
A ser um bom escravo, e ao fim da vida ir pro paraíso
A gente já vivia nele antes disso
O que nos resta agora: trabalhar sem dia, sem hora
Sem escala, cem horas por semana, sem grana
Sem nada, sem pausa, com náusea, sem causa,
Com trauma são pretos ditos sem alma
Em jaulas chamadas senzalas
Sem ganho, sem banho, o cheiro de morte exala
“éramos guerreiros príncipes e camponeses,
Agora nos denominam vagabundos, viajamos
Nos navios negreiros por meses, nosso mundo
Novo, agora é o novo mundo”

Refrão 2x

Eu vou viver, eu vou vencer, vou chegar lá: e nunca vou deixar de lutar

Eram pretos buscando liberdade veio a alforria
Um tipo de maquiagem pra esconder a hipocrisia
Uma utopia encomendada pra gerar frustração
Sem grana pra semente e nem terra para a plantação
Sem volta pra terra natal, sem embarcação
Agora são pretos buscando libertação
Demonizaram as crenças, padronizaram a cultura
Inventaram doenças, democratizaram a escravatura
Restaram escombros dos antigos quilombos
Afastaram os troncos, cicatrizaram os lombos
Tiraram o peso dos ombros, venceram a chacota
O chicote não chacoalha mais, nem estala nas costas
Ginga pastinha e bimba ao toque do berimbau
Ou candeia e donga ao som do carnaval
Guerreiros sempre seremos

Sofremos e nós sabemos
Não queremos nada do que não merecemos
Fazemos nossa parte, nosso trabalho, nossa arte
Mas ninguém reparte o pão, não querem ver nosso estandarte
Não é tarde, ainda é tempo tá ligado
Olhe em nossa história e entenda qual que é nosso legado
Temos cultura e ninguém pode nos tirar isso
Agora a gente prova, honra e mostra **nosso serviço**
De preto, muito respeito
Somos herdeiros e queremos o que é nosso por direito.

Fonte: Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/daniel-garnet-peqnoh/servico-de-preto.html#print>. Acesso em: 15 jan. 2022. (Grifo nosso).

Amaral e Junior (2020) analisam a letra da música e observam que o enunciador faz uma analogia entre o passado escravocrata e o presente de quebra desse passado e ressignificado da cultura negra. No começo da canção, o compositor faz o ouvinte ou leitor viajar em um mundo no qual pais, mães e filhos de origem negra vivenciam de maneira harmoniosa e em paz, uma vida na qual não existissem preconceitos e discriminação da raça. Logo em seguida, de modo realista, o cantor aborda o que houve com os seus antepassados, de maneira crítica e direta. Diz que o seu povo foi calado, humilhado, oprimido e escravizado, não tinha total liberdade e era proibido de quaisquer atividades de lazer além do trabalho. Nos versos apresentados a seguir, o enunciador mostra as ausências que restam:

Dado 8. Trecho retirado da música serviço de preto

O que nos resta agora: trabalhar sem dia, sem hora
Sem escala, cem horas por semana, sem grana
Sem nada, sem pausa, com náusea, sem causa,
Com trauma são pretos ditos sem alma
Em jaulas chamas senzalas
Sem ganho, sem banho, o cheiro de morte exala

Fonte: Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/daniel-garnet-peqnoh/servico-de-preto.html>. Acesso em: 15 jan. 2022.

Dando sequência, o cantor menciona que o opressor os denominava *vagabundos*, o que significa segundo o *Dicionário online* que é uma característica de alguém que não trabalha ou não gosta de trabalhar. Essa não é, porém, a razão de os escravizados não trabalharem, porque a história explica que naquela época os escravizados trabalhavam o dia todo, sem descanso ou intervalos. Com isso, muitos deles acabavam doentes ou morriam de tanto trabalhar e talvez seja nessa informação histórica que tenha surgido a expressão *serviço de preto*.

O processo de ressignificação para a expressão *serviço de preto*, mencionada na música, é quando o enunciador diz que *o serviço de preto* está associado à sua cultura, às carreiras e profissões bem-sucedidas, que constituem provas contundentes do legado negro.

A comunidade negra dá o sentido de que *o serviço de preto* é aquele em que a pessoa negra está exercendo a sua profissão com dignidade, já que, no passado, tal direito lhes foi retirado. Além do mais, ele afirma que a própria comunidade está ressignificando tal expressão mostrando *o serviço de verdade*, ou seja, provando, mostrando e compartilhando sua cultura e buscando aquilo que os negros têm de direito e que lhes foi retirado. No refrão da música, o autor afirma que, mesmo diante do passado escravocrata, diante dos preconceitos e das humilhações, ele, um homem preto, vai à luta, vai vencer, vai viver e chegará nos seus objetivos e mostrar que *o serviço de preto* possui um novo significado, que o preto pode exercer qualquer serviço e profissão com a qualidade que é demandada. Interessante observar que a expressão *serviço de preto* é ponto central no texto, uma

vez que dá título ao rap³.

Considerações finais

Este artigo tratou dos estudos conceituais metafóricos sobre EI resignificadas. Fez-se a análise de 4 expressões idiomáticas relativas à cor preta, por meio da busca de textos em que as expressões aparecem resignificadas pela comunidade negra.

Em vista disso, os principais resultados desta pesquisa são os seguintes:

1. as expressões idiomáticas estudadas, em grande parte, surgiram a partir de uma questão histórica (passado escravocrata);
2. os significados das expressões idiomáticas, na maioria dos dicionários, possuem um significado composicional, ou seja, não é possível encontrar um significado completo. Em Rocha e Rocha (2011), porém, há explicação das expressões e de alguns de seus significados preconceituosos.
3. O dicionário de Rocha e Rocha (2011) mostra que as EI com a cor preta estão ligadas a significados negativos;
4. a arte tem dominado o processo de resignificação. Por meio de poemas, músicas e meios midiáticos, principalmente de representantes da comunidade negra como Elza Soares e Adão Ventura. Os textos rompem com a tradição de significados pejorativos;
5. a resignificação mais produtiva foi a expressão *a coisa ta preta*, visto que essa expressão obteve mais dados encontrados;
6. a expressão *rainha da cocada preta*, foi a menos produtiva, porque houve pouco ou nenhum dado de resignificação.
7. o estudo da resignificação é produtivo e demanda mais pesquisas dessa natureza.

Para finalizar esse estudo, foi encontrada uma música composta por Duani, Fábio Brazza, Negra Li e Vulto e cantada pela própria compositora Negra Li. A canção se chama *Raízes* e tem a participação do cantor Rael. Foi lançada no ano de 2018.

Dado 7. Trecho da canção Raízes, dos cantores Negra Li e Rael

[...]

Temos a cor da noite, filhos do açoite, tipo Usain Bolt
Ninguém pode alcançar
E nada nos cala, já foi a Senzala, já tentaram bala
Ninguém vai nos parar
Filhos de Luanda vindos de Wakanda, hoje os pretos manda
Cê vai ter que escutar
Por mais heroína com mais melanina, tipo Jovelina
Pretas são pérolas

Eu venci o preconceito e fiz de um jeito
Que vários se inspiram em mim
Com muita resistência, virei referência
Pra outros que vem de onde eu vim
Da Brasilândia pro Brasil inteiro
Hoje sirvo de modelo
É preciso respeitar
Minha pele, meu apelo

Minha dor é de cativo
E a sua é de cotovelo

3 Mais uma vez vemos o rap contribuindo para a desconstrução de significados preconceituosos.

Minha dor é de cativo
E a sua é de cotovelo

Fonte: Disponível em: <https://www.letras.mus.br/negra-li/raizes-part-rael/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

A obra traz ao público um processo de resignificação do povo negro, em seus versos os enunciadores dizem: *já é tempo de sonhar, superar o pesadelo*, ou seja, foi-se o tempo do passado racial e escravocrata, em que os absurdos contra o negro não serão esquecidos, porém, a comunidade vai à luta para que no presente e futuro a visão quanto a um preto seja mudada. Além disso, os cantores afirmam na obra que *ninguém vai nos parar*. Esse verso mostra que a comunidade negra vai continuar na luta e resignificar, o que uma vez o preto foi dado como um significado de algo ruim ou escuro. No agora, o preto terá um novo significado, como diz a canção *pretas são pérolas*, ou seja, pretas são preciosas, raras. Essa canção não aborda nenhuma expressão idiomática aqui estudada, mas conduz o ouvinte/leitor a observar que a comunidade negra está lutando para ter o seu reconhecimento e respeito, o que lhes foi retirado do passado, e além do mais trazendo novos significados para aqueles termos ou expressões que se relacionam com sua cor e cultura, fazendo assim com que o que se diz respeito ao *preto* é algo bom, mostra a força e a luta desse povo. Em nosso cotidiano, temos representações de canções, poemas, filmes e dentre outros em que o preto está resignificando o seu passado e tornando o presente, como os cantores Negra Li e Rael dizem, *hoje estou servindo de modelo/ É preciso respeitar/ minha pele meu apelo*. Isso significa que a comunidade negra está lutando para ganhar o espaço e o respeito que merece, mesmo que haja representações e a luta contra o racismo, ainda é pouco, mas é preciso mudar e resignificar.

Referências

AMARAL, Mônica Guimarães Teixeira; SIQUEIRA JUNIOR, Kleber Galvão. Por uma epistemologia sul-americana com base nas culturas afro-brasileiras: um debate sobre o ensino culturalmente relevante nas escolas públicas de ensino fundamental. **Educação, artes e inclusão**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 073-102, 2020. DOI: 10.5965/198431781632020073. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/17539>. Acesso em: 24 ago. 2022.

ANDRADE, Mário de. A superstição da cor preta. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 7, n. 1, 2021. DOI: 10.5965/24471267712021225. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/20350>. Acesso em: 25 ago. 2022.

ATAYDE, Francisca. “Krieg ist Krieg ist Krieg” («Guerra é guerra é guerra») – repetição e recriação no ‘discurso fraseológico’. **REAL revista de estudos Alemães**, Universidade de Coimbra, n.1, p. 127-149, jul., 2010.

AURÉLIO online. Aurélio- Dicio, **Dicionário Online de Português**, 2022. Página inicial. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

BAHIA. **Defensoria Pública do Estado Dicionário de expressões (anti) racistas: e como eliminar as microagressões do cotidiano**. Defensoria Pública do Estado da Bahia. - 1ª ed. - Salvador: ESDEP, 2021.

BAKHTIN, Mikhail M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.

BARBOSA, Maria José Somerlate. **Adão Ventura e o (Con)texto Afro-Brasileiro**. literafro - O portal da literatura Afro-Brasileira, 2021. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/487-adao-ventura-e-o-con-texto-afro-brasileiro#sdendnote1sym>. Acesso em: 19 ago. 2022.

BIGODE, Thiago. **Leonina**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/tiago-bigode/leonina/>. Acesso em: 13 jan. 2022.

BUARQUE, Chico. **Bom Conselho**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/85939/>. Acesso em: 16 dez. 2021.

É um preto de alma branca. Ele gostaria de ser branco, diz Martinho da Vila sobre Sérgio Camargo. Canal Roda Viva, 2021. 1 vídeo (1:56). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uOFZNA0Bzmo>. Acesso: 19 ago. 2022.

FONSECA, André Azevedo da. O gentil infame – Expressões populares revelam racismo dissimulado na cultura brasileira. **Revista Espaço Acadêmico**, Fevereiro, 2003.

GARNET, Daniel e PEQNOH. **Serviço de preto**. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/daniel-garnet-peqnoh/servico-de-preto.html#print>. Acesso em: 15 de jan. de 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HOUAISS, A. *et al.* **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda, 2001.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.

LI, Negra. **Raízes** (part. Rael). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/negra-li/raizes-part-rael/>. Acesso em: 17 jan. 2022.

OLIVEIRA, Rachel de. **Tramas da cor**: Enfrentando o preconceito no dia-a-dia escolar. [livro eletrônico]. São Paulo, SP: Selo Negro, 2005.

OLIVEIRA JÚNIOR, Wilson José de. **Ensino de expressões idiomáticas do espanhol como L2**: uma sequência didática cognitivo-funcional [manuscrito]. Goiânia, GO: Universidade Federal de Goiás, 2021.

PLANTIN, Rosemeire Selma Monteiro. **Fraseologia**: era uma vez um Patinho Feio no ensino de língua materna (Volume 1). Fortaleza, CE: Imprensa Universitária, 2014.

PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo, SP: Parábola Editorial, 2010.

PRETO de alma branca: o que faz Sérgio Camargo no comando da Fundação Palmares?. **Jornal do Campus**, 2020. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2020/12/preto-de-alma-branca-o-que-faz-sergio-camargo-no-comando-da-fundacao-palmares/>. Acesso em: 29 ago. 2022.

RIBEIRO, Lincoln Almir Amarante; CÂNDIDO, Gláucia Vieira. O universalismo semântico cognitivo em um estudo sobre termos básicos referentes a cores na língua indígena Shanenawa (Pano). **Ciências & Cognição**, v. 13, n. 1, 2008.

ROCHA, Carlos Alberto de M.; ROCHA, Carlos Eduardo P. de M. **Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

SAPIÊNCIA, Rincon. A coisa tá preta. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/rincon-sapiencia/a-coisa-ta-preta/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

SILVA, Davy Lima da. **Expressões racistas: palavras e pré-conceitos**. [livro eletrônico]. Marabá, PA: Ed. da Autora, 2021.

SOARES, Elza. **A coisa tá preta** (Mc Rebecca). Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/elza-soares/a-coisa-ta-preta-part-mc-rebecca/>. Acesso em: 16 de jan. de 2022.

VENTURA, Adão. **A cor da pele**. 1988. Disponível em: <https://vinteculturaesociedade.wordpress.com/2013/05/08/preto-de-alma-branca-ligeiras-conceituacoes/>. Acesso em: 19 ago. 2022.

Recebido em 18 fevereiro 2024.

Aceito em 26 maio 2024.